

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM COMUNICAÇÃO E CULTURA DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



[www.pos.eco.ufrj.br](http://www.pos.eco.ufrj.br)

# Portfólio Aline Motta

## Travessias: no tempo, nos corpos, nas imagens

Por Lucas Murari e Nicholas Andueza



O projeto "Filha Natural" (2018 – 2019) da artista visual Aline Motta parte de uma pesquisa sobre as raízes de sua família, mais precisamente sobre as origens de sua tataravó Francisca. Especula-se que sua antepassada tenha nascido por volta de 1855 em uma fazenda de café próxima à cidade de Vassouras, em uma área que posteriormente ficou conhecida como Vale do Paraíba, na zona rural do estado do Rio de Janeiro. Essa região é considerada o epicentro da escravidão no Brasil durante o século XIX. Por meio de uma abordagem arqueológica, a artista busca resgatar sua história familiar, explorando questões de identidade, memória e ancestralidade, ou, em suas próprias palavras, busca tensionar "os limites entre a memória pessoal e a coletiva". A história das mulheres de sua família é um tema recorrente em muitos dos trabalhos criados por Aline Motta nos últimos anos.

Basta lembrarmos de como a voz da artista multimídia abre seu filme *Ponte sobre abismos* (2017)<sup>1</sup>: "Eu vejo uma mãe e uma filha. Eu vejo uma avó e uma bisavó. Elas estão unidas pela cabeça. São negras. São da minha família – eu descendo delas". Ou basta citarmos uma breve passagem da leitura performática de seu livro *A água é uma máquina do tempo* (2023): "Estou grávida

de minha mãe. Chegou a minha vez de te carregar na barriga. A gestação dura o tempo de escrita de um livro"<sup>2</sup>. As genealogias heterodoxas de Aline Motta se integram a um esforço histórico-gráfico profundo, consciente da desumanização e da invisibilização sistemáticas das populações negras por séculos – em especial das mulheres. Assim, essa água, máquina do tempo, água que flui pelos trabalhos de Aline, que os transborda e os rega, é uma água a um só passo histórica, coletiva, e genealógica, pessoal. É a água do Oceano Atlântico, rota dos navios negreiros, mas também do líquido amniótico que vai gestar cada pessoa. Esse trabalho de memória, que volta, mas que acontece aqui e agora, é como ter a mãe na barriga. É o corpo inteiro que lembra de onde veio e pare a sua história.

"Filha Natural" traz essas correntezas em sua abordagem. Busca a tataravó Francisca, que viveu como escravizada em Vassouras em meados do século XIX, e transborda a si mesmo, ao combinar diferentes linguagens artísticas para se concretizar: uma série de fotografias, vídeo, instalação, performances e a publicação de um livro. Em sua busca, a artista articulou registros históricos, materiais iconográficos e relatos orais de sua própria família, criando

<sup>1</sup> Disponível em: <https://vimeo.com/284789268>. Acesso em 22 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Trecho citado disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WNy3iqoLSqk&t=1s>. Acesso em 27 de maio de 2024.

uma narrativa multifacetada que conecta o passado ao presente. Navegamos, guiados por Aline, desde um possível atestado de óbito de Francisca até os registros de inventário dos donos da fazenda à época, Elisa Constância de Almeida e José Pereira de Almeida, que contavam com algo como 200 escravizados como seus "bens". Dessa família, Aline encontra um registro estereoscópico feito na década de 1860, onde estão duas outras escravizadas, Joana e Rachel. Na imagem dupla, vê-se a varanda da fazenda, que foi preservada até hoje. A senzala, contudo, foi demolida. O terreiro de café virou quadra de tênis. Portanto Aline rebate a planta-baixa que encontrou da fazenda com uma outra forma de cartografia – visual, contemporânea, diaspórica.

Nesse sentido, uma das figuras atuais destacadas é Claudia Mamede, uma líder comunitária negra de Vassouras, que visita, junto a Aline Motta, o que um dia foi a Fazenda Ubá. As imagens do projeto estabelecem uma potente troca de olhares com o rosto da ativista, proporcionando uma reflexão visual a cerca das raízes culturais que nos precedem. A técnica da estereoscopia é retomada, tanto pelo uso do próprio estereoscópio por Mamede, como pela impressão em tecido do registro dos anos 1860 com aquelas duas escravizadas. Joana, Rachel e Claudia Mamede se encontram precisamente na quadra de tênis que um dia foi cafezal. Uma superposição estereoscópica de tempo

que adiciona camadas anacrônicas e entrelaça as narrativas. Em entrevista, a artista diz "neste jogo de espelhamentos, constatamos que de fato pouco mudou, mas ainda acredito que um projeto artístico poético-político que desarrume estes espaços de poder há muito arraigados pode ser, sim, uma ferramenta de enfrentamento destas questões"<sup>3</sup>.

Neste portfólio publicado pela Revista Eco-Pós no dossiê, optamos por destacar algumas imagens do projeto "Filha Natural", evidenciando a diversidade de técnicas e registros fotográficos e audiovisuais explorados por Aline Motta. A seleção enfatiza a capacidade da artista de tecer um emaranhado de conexões a respeito da resiliência e força das mulheres negras do Brasil, explorando as lacunas deixadas pelo período colonial e escravocrata do país para trazer à tona histórias sistematicamente esquecidas ou negligenciadas. Quem volta e se faz presente pelas águas do tempo não é apenas Francisca, mas uma multidão de mulheres – do passado, mas também do presente. Testemunhas efetivas, cindidas, estereoscópicas da história.

<sup>3</sup> Entrevista disponível em <https://centrocultural.sp.gov.br/programa-de-exposicoes-2018-aline-motta/>. Acesso em 20 de maio de 2024.

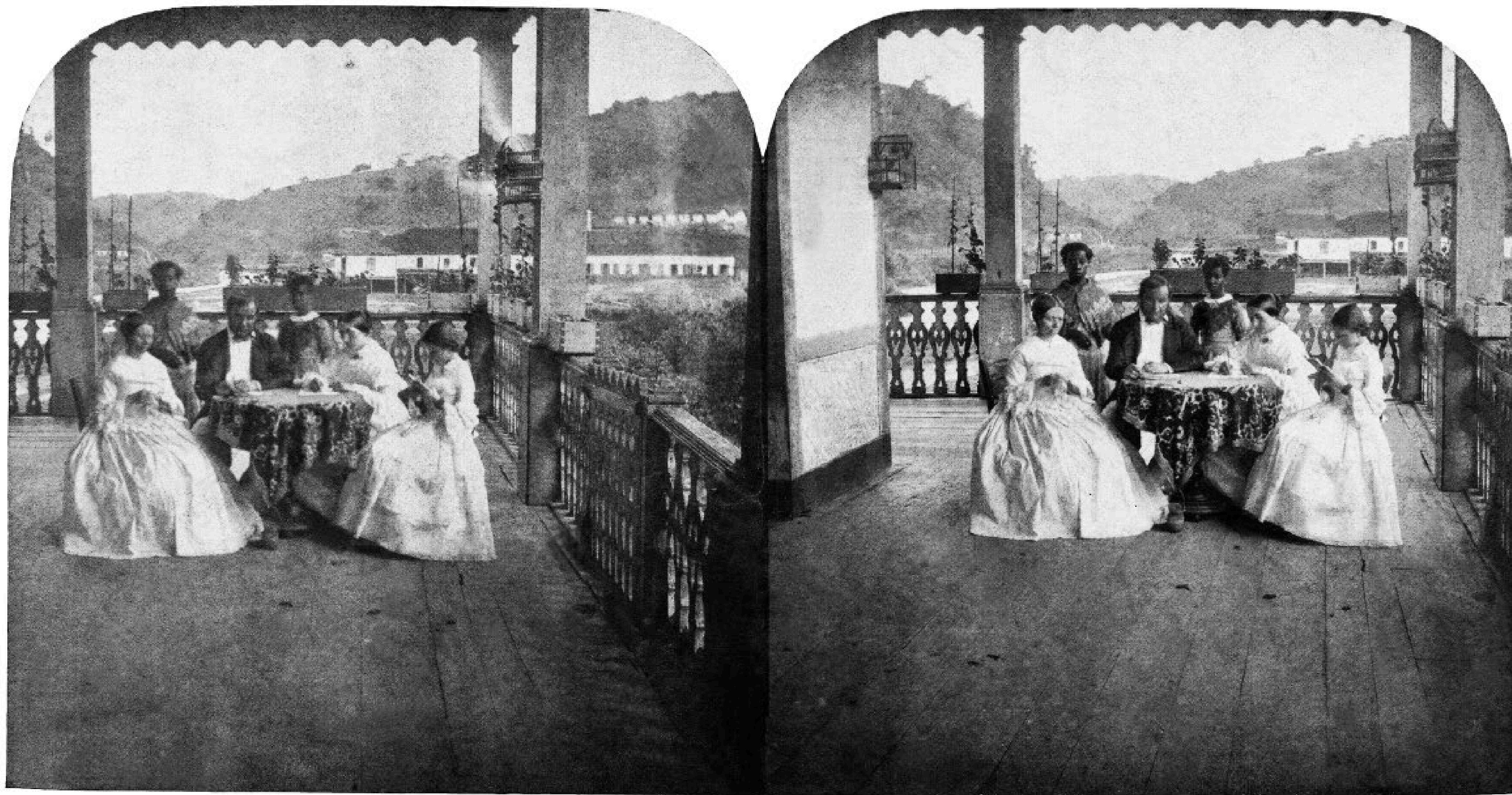




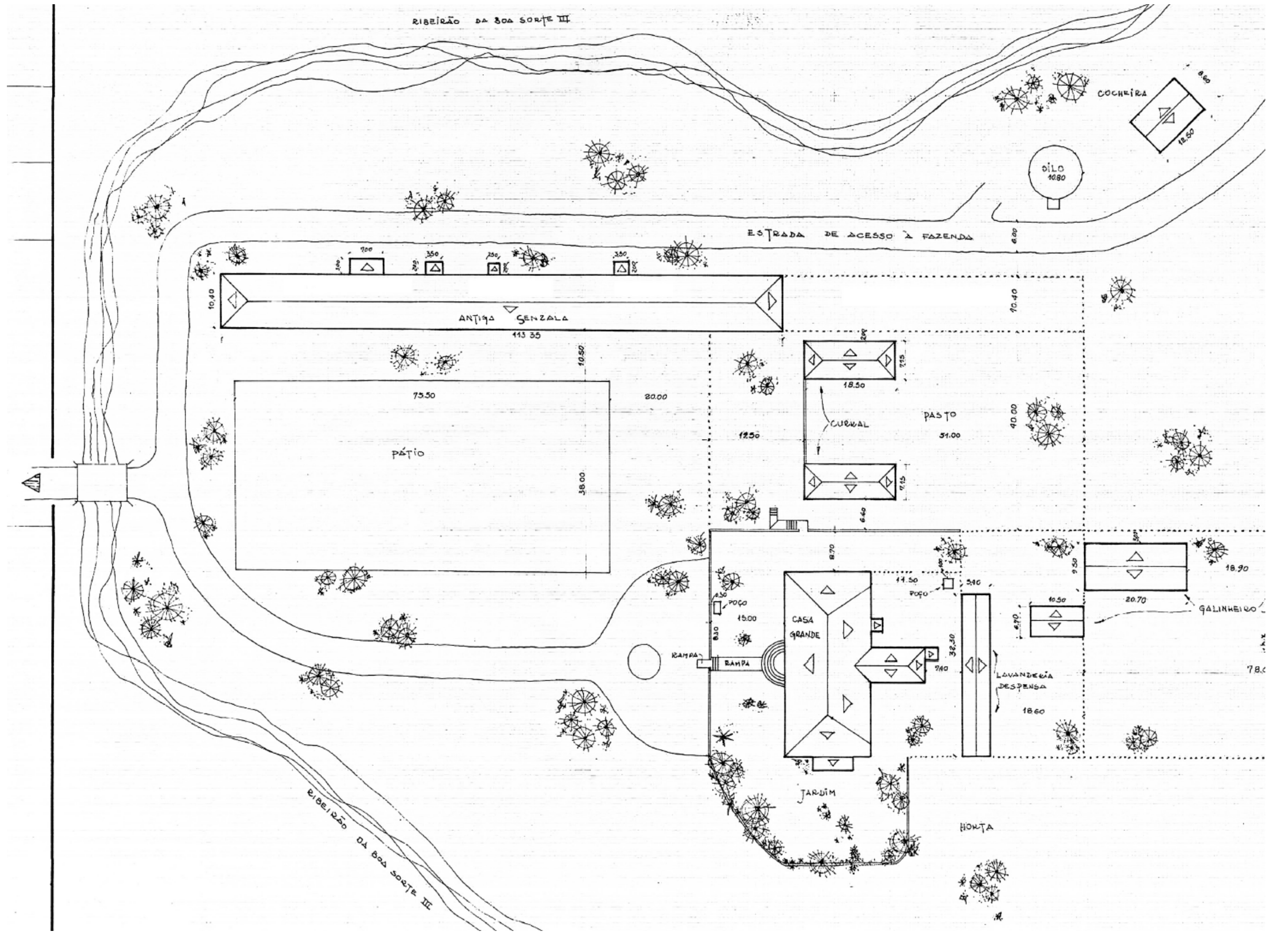
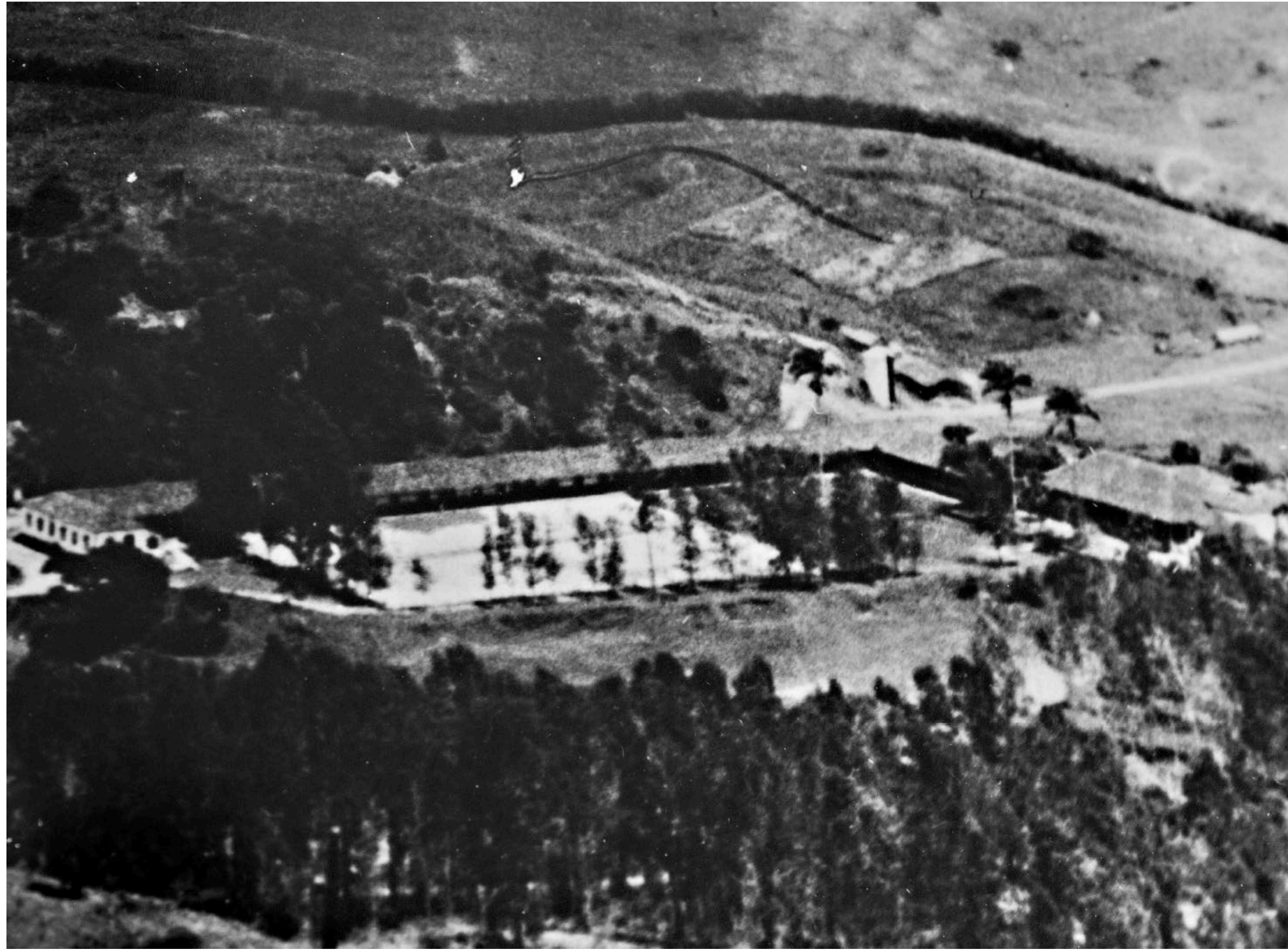














# Aline Motta

Aline Motta nasceu em Niterói (RJ), em 1974, e mora em São Paulo. Combina diferentes técnicas e práticas artísticas em seu trabalho, como fotografia, vídeo, instalação, performance e colagem. De modo crítico, suas obras reconfiguram memórias, em especial as afro-atlânticas, e constroem novas narrativas que invocam uma ideia não linear do tempo. Foi contemplada com o Programa Rumos Itaú Cultural 2015/2016, com a Bolsa ZUM de Fotografia do Instituto Moreira Salles 2018 e com 7º Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça 2019. Recentemente participou de exposições importantes como "Histórias Feministas, artistas depois de 2000" – MASP, "Histórias Afro-Atlânticas" – MASP/Tomie Ohtake, "Cuando cambia el mundo" – Centro Cultural Kirchner, Buenos

Aires, Argentina e "Pensar tudo de nuevo" – Les Rencontres de la Photographie, Arles, França. Abriu sua exposição individual "Aline Motta: memória, viagem e água" no MAR/Museu de Arte do Rio em 2020. Em 2021 exibiu seus trabalhos em vídeo no New Museum (NY) no programa "Screen Series". Em 2022 lançou seu primeiro livro "A água é uma máquina do tempo" pelas editoras Fósforo e Luna Parque Edições (finalista do prêmio literário Jabuti), abriu exposição individual no átrio do Sesc Belenzinho e na sala de vídeo do MASP. Em 2023, expôs na 15ª Bienal de Sharjah (EAU), no MoMA Museum of Modern Art (NY) em "Chosen Memories: Contemporary Latin American Art from the Patricia Phelps de Cisneros Gift and Beyond" e na 35ª Bienal de Arte de São Paulo.

